Guimarães, 23 de Junho de 1912

1.º ano — N.º 2

Director: António Dántas, filho
Redactor: António de Souza
Editor: António A. Carvalho Júnior

Toda a correspondência relativa à redacção deve ser enviada para a sua sede: Rua de Gil Vicente, 93 — e a relativa à administração, para a Rua de Paio Galvão, 70.

Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranense
Rua de Paio Galvão

O LUSITANO

Publicação semanal
Propriedade da Emprêsa de O LUSITANO

SERENIDADE, SRS. PATRIOTAS!

A atmosfera desta cidade está absolutamente carregada de patriotismo, dêsse patriotismo feroz e perseguidor que não conhece os limites da ordem, nem os mais leves princípios de liberdade democrática.

Sufoca-se sob o pêso duma obcecação sectária que quer impor, *à outrance*, uma autoridade que não tem, uma superioridade que lhe falece e uma intenção que os seus actos radicalmente contradizem.

Boatos terroristas correm de bôca em bôca e produzem desalentos nos espíritos timoratos, ao passo que outros, cônscios dos seus direitos e deveres de cidadãos livres, aguardam com calma o desenrolar da fita cinematográfica até à scena trágica do drama que está em foco.

Olhares enviûsados se cruzam por essas ruas *medindo* pacatos cidadãos que passam embebidos nas suas ocupações.

A cidade, desde a meia noite até à madrugada, é sitiada pela gente da situação e corre risco de ser prêso o cidadão que, estando em desacordo com êste péssimo estado de coisas, precise de saír à rua depois da meia noite.

O nosso céu, outrora tam sereno e tam limpido, amontoa-se de nuvens que se encastelam em caprichosas avalanches, anunciando as mais medonhas tempestades.

Ecoa ainda ao longe o estrépito horrendo das bombas do dia 12, e já se anunciam novos atentados, chegando-se a indicar as casas a atingir.

Tal é a forma como se vive em Guimarães de há uns tempos a esta parte.

A causa?

A eterna causa. Os inimigos do regimen. Os inimigos da república.

Mas sabe essa gente o que é regimen? O que é república?

Não sabe, porque se soubesse moldaria o seu procedimento pelos ditames do bom senso e da boa rasão, atraindo em vez de afastar, cativando em vez de alienar.

Esta doutrina não se coaduna, porêm, com os desejos hipócritamente egoistas daqueles que pretendem ser os únicos senhores disto tudo e fazer dos outros escravos obedientes e submissos às mirabolantes fantasias que os seus ocos cérebros geram em noites agitadas de conciliábulo.

Daí uma guerra de morte a todos os que teem a inérgica coragem de não vergar a cerviz ante a sua desmedida arrogância.

A acusação é igual para todos.

Inimigos do regimen.

Mas quem são os verdadeiros inimigos do regimen, ó patriotas?

Aqueles que se entregam à contínua labutação do seu comércio ou da sua indústria, dos seus cargos ou dos seus ofícios, ou à ociosidade que os seus rendimentos permitem, alheios a tudo o que se passa, e que vós ides acordar da sua despreocupada modôrra com ameaças belicosas e estrondo da artilharia civil?

Ah! Não! Nunca!

Esses são os verdadeiros portuguêses que ennobrecem esta pátria com o seu trabalho, com a sua inteligência, com o seu talento, com o seu carácter, com o seu amor a êste desventurado torrão onde nasceram.

Esses são os verdadeiros amigos do seu país, os verdadeiros patriotas.

Êsse é o povo, o verdadeiro povo que quer paz e ordem, moralidade e justiça.

Vós é que sois inimigos do regimen, vós é que constituis o maior perigo para o regimen.

O regimen não é um regimen de ambições, e vós sois ambiciosos.

O regimen não é um regimen de perseguições, e vós perseguis toda a gente sem o menor fundamento.

O regimen é um regimen de democracia, e vós não sabeis s que é ser democrata.

O regimen é um regimen de liberdade para todos, e vós só a quereis para vós, coarctando-a aos outros.

O regimen é um regimen de ordem, e vós provocais a desordem.

Finalmente, o regimen é um, e vós sois outros que não o compreendeis.

Políticos sois, não vos contestamos essa qualidade, mas uns políticos de arruaça que desacreditais uma nação inteira.

Mas não vos iludais com a glória que parece sorrir-vos.

Serenidade, srs. patriotas!

Acima dos vossos ambiciosos desejos estão o direito e a liberdade dum povo inteiro.

Acima dos interesses particulares duma facção política estão os interesses gerais duma nação.

E quando o direito e a liberdade do povo não sejam respeitados, a êste cumpre exigir êsse respeito.

E, quando os ambiciosos políticos põem a nação em jogo, ao povo cumpre correr com aqueles, em defesa desta.

Serenidade, srs. patriotas, porque o povo português tem nas veias o sangue dos heróis de Ourique, Salado, Montes Claros, 1640, 1820 e tantas outras vitórias gloriosas!

Abatam-se os ídolos e salve-se a Pátria!

E' o grito que hoje deve saír do peito de todos os portuguêses unidos para a vida e para a morte no desejo comum de fazer progredir êste desventurado país entregue nas mãos de desorientadas facções partidárias que, ora se degladiam na conquista da situação, ora se encontram e amistam vendo que de outra forma não teem fôrças para galgar as responsabilidades do Poder.

Isto não pode continuar assim.

Há muita falta de vergonha e de pudor que é urgente que acabe.

Os governos de acalmação e de concentração que se sucederam após a tragédia do Terreiro do Paço, foram que deram cabo da monarquia, o que é pouco, mas também produziram o desiquilíbrio e a ruina das finanças e o descrédito do país, o que é muitíssimo.

Enveredar pelo mesmo caminho será hoje tanto mais perigoso quanto é certo que Portugal está em circunstâncias muito terríveis e assustadoras.

O governo, que tem por chefe o sr. Duarte Leite, não pode satisfazer o povo porque é saído das mesmas facções que já deram exuberantes provas da sua falta de tacto governativo.

A experiência já está feita com resultados muito negativos; logo êste govêrno não é o que está à altura das circunstâncias.

No Pôrto estava na forja uma revolução para exigir à mão armada um governo de fôrça.

Um acto de sedição que ficará impune, porque os nossos governantes só teem fôrças para acabrunharem os presumidos ou presumíveis acusados de conspiração, mas falece-lhes o ánimo e a inergia para punirem, como era do seu imutável dever, os actos de desenfreado canibalismo que teem posto o povo português em contínuos sobresaltos.

Nós também somos partidários dum governo de fôrça, embora discordemos por completo dos que no Pôrto preparavam um golpe de estado à mão armada.

Detestamos as lutas fratricidas por impróprias duma terra civilizada e por perniciosas para os interesses gerais da Nação.

Somos partidários dum governo de fôrça que, norteado por bons sentimentos patrióticos, fizesse entrar tudo isto nos eixos, despresando a política de regedoria e de clientelas que se vai seguindo há vinte meses de república.

Queríamos um governo que fizesse derrubar das peanhas de barro os ídolos que nos comprometem, e atendesse à decadência e à miséria em que o povo se debate, fazendo voltar Portugal ao seu antigo esplendor. Pela forma como nós quereríamos que se fizesse só para 1915 se poderá dar êsse fenómeno, se antes não passar um furacão de juíso pelo casarão de S. Bento.

Poder-se há esperar tanto tempo?...

Mistérios do Priorado da Oliveira

(Visão de Frei-Triste)

Aos Ex.mos srs. Dr. Juiz e Dr. Delegado:

Contam os jornais Ex.mos srs. que a Justiça de Guimarães ordenara se fizesse uma busca ao Priorado em 13 do corrente Junho e que dessa busca se apurou encontrar por lá, no andar principal uma *espingarda de guerra*, que parece ser do modêlo usado pela Guarda Republicana ou Polícia Civil.....

Que as lojas e sótãos não chegaram a ser revistados, porque a certa altura apareceu o Cidadão Administrador e veterinário, olímpica dualidade que declarou ao Meretíssimo Juiz que a casa lhe pertencia..., extranhando a busca e... tomando por tudo a precisa responsabilidade!

Conta-se mais que em vista desta declaração e do aparecimento da administrativa autoridade, a Justiça entendeu não prosseguir na sua missão... e aguardar resignadamente que o Ministério da Guerra mandasse apreender o *trabuco* proibido, ainda mesmo que tivesse sido oferta dos *aguerridos* voluntários, de saudosa memória, ao seu primeiro comandante!

E tudo isto é tam singelo, natural e *virginalmente português*... que encanta!

¡E' que a citadina gente teve a veleidade de acreditar que o Priorado, antes das bombas pertencia, por aluger, ao sr. Prior Mariano; agora ouve-se que o Administrador-veterinário também lhe chama seu!...

Será *dambos e dois;* tudo cheira a milagres da fraternidade, afinal!

¡Mas, Respeitabilíssimos Magistrados; V. Ex.as deviam, não digo ter advinhado, mas tam sómente sonhado na festa projectada ao Santo António de Lisboa pela Carbonaria Vimaranense!

Os membros da Venerável Choça teem pelo Milagroso de Pádoa um culto sincero, um culto quási de latria!

¡¿Pois, se o bom do fradinho até livrou o pai de *sete sentenças*, como não havia de os livrar da responsabilidade duma descarga amena de artilharia civil?!...

Ouçam V. Ex.as a descrição do fraternal ágape realisado na prioral choça na célebre noite de 12 de Junho:

Na sala nobre, alta, larga e espaçosíssima dos *bispos* de Mumadona, vê-se bruxulear uma luz mortiça duma velha alampada suspensa do tecto; estão fechadas as portas e janelas e a cada uma das 3 portas postados uns vultos envolvidos em negros balandraus; usam calçado de cautchout e mascaras apocalípticas; ao centro em volta duma meza 13 cadeiras de pinho cobertas com um pano bicolor, vermelho e negro, símbolo da morte e do sangue!

Havia mapas parietais com desenhos de armas de guerra, punhais, bombas, algêmas; a um canto malinhas de mão e caixotes, de várias formas e dimensões; garrafas de champanhe, etc., etc....

Soaram as 24 horas compassadamente badaladas no relógio da Oliveira e ouviram-se bater a uma das janelas que olham para a Penha, umas pancadas como feridas por asa de ave nocturna!

Eram misteriosas as pancadas!

Ao findar a última, uma das sentinelas postada à porta de entrada, com a espingarda ao ombro esquerdo foi em passo ordinário abrir a janela e apresentou armas como as demais...

As corujas na velha torre picavam de forma a gerar caláfrios dorsais a um granadeiro; os enormes ratos dos sótãos do priorado, trambolhando, imitavam no seu ruído o trovão.

A noite era negra... e dum silêncio misterioso!

E assim decorreram duas longas e funéreas horas!...

Mas, como atraída pela luz, entra na sala uma invasão de enormes vultos alados, figuras como de *plecótus auritus* de Bengala; feios, peludos e com focinhos onde se desenhavam caricaturas conhecidas, terrívelmente horrendas!...

E o bando esvoaçava, redemoinhava incessantemente! E que variedade!?

Havia-os de bicos exagerados, de aceradas garras uns, de fantásticas asas todos!

E as sentinelas, lá continuavam apresentando armas!

Meia hora depois, o bando pousou dividido em roda da funérea meza e calou sua infernal grita!

Os homens de armas moveram-se então, depozeram a *trabucaria* em descanso e... cruzes, cruzes, cruzes!—Um mocho enorme descendo duma das traves do tecto pousou sôbre a meza e começou a falar!...

Era negro, gordo, usava umas cangalhas sôbre o adunco bico e parecia um abade!... —O avantesma disse: Marvóticos e noctívagos Primos: E' preciso destruír esta triste talassaria; haja terror!... semeiem mêdo, atulhemos aquela Atouguia de cadáveres!

Hurrah, pela anarquia e pela morte!

E um bater de asas, horrível como um tufão, saudou êste grito quási blasfemo!

Seguiu-se no uso da *piada*, um morcego, alto, esguío e negro. Falava por entre dentes; tinha um ar cínico, incomodativo.—Era urgente exterminar, ou pelo menos amedrontrar os advogados, oficiais do exército e farmacêuticos que davam à lingua...!

Hoje eles... amanhã os almeidistas, unionistas e independentes!—Tinha dito.

Seguiu-selhe uma *caricatura de advogado*... dissertou sôbre a carbonaria, mostrou navalhas de ponta e mola, boxes, apontou as malas, sorriu com ar superior, —de sábio—, e agitando as enormes asas, fêz tregeitos de não deixar pedra sôbre pedra!...

E discursaram mais alguns *primos*, apesar de somenos importância, concordando todos em que às três da madrugada começasse o bombardeamento.

Era para defeza da República, só por amor a tam peregrina Formosura, clamavam!

E íam a erguer-se quando o homem da *espingarda de guerra* pediu a palavra: Caríssimos Primos, disse: não esmoreça a vossa coragem; fornecei-vos das laranjas *lisboetas* marca Liberdade, que aí vedes naqueles caixões; levai mais as malas a tiracolo, podem ser precisas; seja o uniforme: blusa, sapatos à prateleira e boina hespanhola.....

Depois da *festa*, convem disfarçar, lastimar mesmo os... que ficarem aínda vivos!

—Escrevam: Rocha dos Santos, Abreu Lima, José Maria Leite, Joaquim Lindoso, Coronel Tibúrcio de Vasconcelos!

Não esqueçam: marquem-nos mesmo a cruz pelas portadas.

Para as três horas, pois; e se alguns ultra-montanos da firma Rezende & Tóbim ousarem incomodar o socego da nossa graciosíssima e fraternal Choça... ai deles! Ai deles!....

Vão, pois, que eu velo! Eu tomo as responsabilidades!

*
* *

Uma hora depois, à velha cidade da Virgem da Oliveira roubavam o seu ramo de paz e dava-se o espectáculo onde se ouviram três detonações; três gritos malditos soltados pelo fruto da *falsa fraternidade*, filha da treva, do susto e da dor; mais um crime de lesa humanidade se cometeu; a República chorava mais uma vez; a Magistratura perdia o seu repouso e a *Alvorada* anunciava-se mais sombria, lembrando uma virgem de olhos lindos, quando os resguarda sob plumbes guarda sol!

DIGNIDADE EM ACÇÃO

Já não são poucos os exemplos de brio e pundonor militar que vários elementos do nosso exército teem dado, divorciando-se dos elementos civis que propagam a desordem e o desalento nas diferentes camadas sociais, reagindo nobremente quando êsses elementos civis pretendem vigiar os quarteis.

¿Será verdade que alguns elementos de infanteria 20 fizessem saber aos carbonários locais, de maneira formal e categórica, que não consentiam que êles exercessem sôbre o quartel a menor vigilância, sob pena de imediato correctivo?

Diligência judicial

Quando no passado número nos referimos a êste caso poderiamos fazer algumas considerações sôbre o mesmo, mas não nos quisemos antecipar, por entendermos que os jornais nos forneceriam preciosos elementos de crítica.

Assim aconteceu.

O correspondente do «Notícias» diz o seguinte:

«—Para Lisboa seguiu no primeiro combóio da manhã de segunda-feira passada uma comissão delegada do centro republicano, que foi na missão de pedir a imediata transferência do juiz de direito desta comarca, dr. Manuel António Pinto de Rezende, por entenderem os republicanos que êle abusou da sua autoridade dando uma busca a um prédio que estava sob a alçada do sr. administrador do concelho, onde esta autoridade se reunia com os seus amigos para o fim de defenderem as instituições vigentes, e por tanto a República, acrescentando que àquela busca, que não deu resultado algum, foi deferida e autorizada a presença do advogado que a havia requerido, sr. dr. João Rocha dos Santos, quando a lei lho não permitia, pelo facto de tais diligências serem secretas até à intimação do despacho de pronúncia, e ainda porque a casa e quintais foram assaltados por inimigos da República armados de revolveres e pistolas, em punho, quando se procedia à busca.»

Vê-se por esta correspondência que o prédio onde foi dada a busca, a casa do Priorado, estava sob a alçada do administrador do concelho, e foi isto que êle declarou ao M.^mo^ Juiz:—que a casa era dêle administrador.

Aparece-nos agora a «Alvorada», a discutir o caso e contradiz formalmente a declaração do administrador por esta forma:

«Nestas condições vexantes e vergonhosas se fêz a busca à casa do Priorado—domicílio do nosso correligionário Mariano Felgueiras, vice-presidente da Câmara e presidente da Comissão Municipal (política).»

Isto não precisa de comentários.

Apenas uma pergunta:

Afinal de quem era a casa? Do administrador do concelho ou do cidadão Mariano Felgueiras?

É êste cidadão que nos responde com a sua proposta apresentada numa reunião do Centro Republicano que copiamos da «Alvorada» e que é do teor seguinte:

«Proposta:

As comissões políticas e os republicanos de Guimarães, em geral, reunidos em assembleia protestam contra o facto de terem as autoridades judiciais desta comarca consentido que uma casa particular, cedida à autoridade administrativa para reuniões tendentes à defesa da República, fosse invadida por alguns monárquicos dos mais reaccionários desta cidade, que, de revólver em punho, na sua presença a enxovalharam.

Guimarães, 16 de Junho de 1912.

(a) *Mariano Felgueiras.*»

Ficamos pois sabendo que a casa referida nem estava sob a alçada do administrador do concelho nem era o domicílio do cidadão Mariano Felgueiras e era dum e de outro ao mesmo tempo.

E' uma *cacafonia* que se não percebe, mas é assim mesmo.

Agora se a querem melhor confrontem os leitores o que diz a mesma «Alvorada» acêrca do motivo da diligência e o correspondente do «Notícias»:

«Depois dêsse facto, anormal entre nós, da explosão de bombas-aviso, a autoridade administrativa participou para juizo que ía proceder a uma investigação sobre o caso, visto que tal elemento de guerra não é exclusivo desta ou daquela facção em que a sociedade portuguêsa está ao presente dividida.

O Procurador da República, todavia, recebendo participação estranha, e visto a Nov. Ref. Judiciária, art. 914.º, sómente exigir *a declaração dos motivos e razões de suspeita*, delegado e juiz deferiram um requerimento assinado pelo sr. dr. João Rocha dos Santos, mandando que se fizesse auto preliminar e especial do caso; e sem *nenhuma espécie de consideração* pela autoridade administrativa, ou comunicação oficial procedeu-se, num dia da semana pretérita, a uma busca à casa do Priorado.»

Vê-se que **Delegado e Juiz deferiram um mesmo requerimento,** incorrendo portanto ambos solidáriamente no desagrado dos visados.

Pois não há tal.

E que não há dí-lo o correspondente do «Notícias» pois, segundo êle, a comissão foi pedir sómente a **imediata transferência do Juiz de Direito desta comarca sr. dr. Manuel António Pinto de Rezende.**

Enfim, é uma embrulhada de tal forma que ninguêm os entende.

Casos escuros!

Casos escuros como outros que se teem dado e para o que se apagava certa lampada eléctrica!

Vamos a ver no que isto fica.

E DEPOIS?

¿O administrador dêste concelho já indagaria um caso de extorsão de 2$000 réis que na policia quiseram fazer a uma desgraçada mulher, a quem prenderam um filho por furtar 5 aneis de prata na ourivesaria Lima, no valor de 300 réis, furto que o gerente da referida ourivesaria perdoou, sendo aquela quantia exigida para pagar o serviço dos guardas que *não são criados de ninguém*, e como a mulhersinha dissesse que era extremamente pobre, já lhe faziam isso por 5 tostões?

Desejariamos saber o resultado desta... moralidade.

O nosso jornal

Estamos plenamente satisfeitos com a benévola aceitação que o nosso humilde semanário tem tido, não só por parte do povo católico, mas aínda, e isso muito mais nos anima, por parte de elementos republicanos que encaram a actual situação pelo verdadeiro lado por que deve ser encarada, e veem em nós, não uns *inimigos impenitentes* do regímen, mas uns inimigos daqueles que o desacreditam e envilecem.

Já hoje contamos poderosos cooperadores nesta árdua tarefa que nos auxiliam muitíssimo com a sua inteligência e boa vontade, e esperamos muito breve conseguir outros valiosos elementos que, juntos com os actuais, todos farão do nosso jornal uma publicação doutrinária e de combate.

Doutrinar o povo e combater os erros é a missão essencial dos bons católicos.

Grotescos

Recebemos esta carta, que muito estimamos, e, embora desconhecendo o nome que a assina, agradecemos.

Tirteu.

Lembrei-me, caro senhor,
de lhe pedir o favor
de, com toda a lealdade,
informar numa cartinha
quem seria a criancinha
que correu pela Cidade

com a latosa do pixe
cataplasmando em esguiche
com toda a fraternidade
essas pacatas vivendas
onde se acumulam lendas
de sedenta mortandade.

Devia-se bem conhecer
pelas chagas a escorrer
na esfarrapada camisa!...
Olhe-lhe os pés; trará pingos
porque êle mesmo aos Domingos
passeia de pata lisa.

O do pincel advinhei:
cego servente da grei
ganhou na noite um pataco.
Mas, ao ir para uma tasca,
outro da mesma casca
empalmou-lho do casaco...

O da lata é que é preciso,
quer possua ou não juizo,
muito breve conhecer!
Pois vá lá uma pessoa,
unindo-se a outra à toa,
vir marcado p'ra morrer!

Mesmo assim tarde, senhor,
se souber faz um favor
duma importância flagrante,
pois êsse onegra zarolha
deve ser um belo trolha
deixando de ser marchante.

Eu, com toda a paciência,
já fiz uma diligência
encontrando um só safado...
Queira Vossa Senhoria
pagar-me bem pela espia
que lhe encontro o pixelado...

De V...

Silvestre Silvério.

Carta do Pôrto

por ***Rolando Perfeito.***

Meus amigos:

A leitura do *Lusitano* deixou-me o espírito muito agradávelmente impressionado. Só há um bocado o correio mo trouxe, isto é, com tres dias de atraso.

Isto fêz-me supor que se tivessem esquecido de mim. E foi, naturalmente, o que aconteceu, pois eu sei que êle foi lançado à publicidade no último domingo, dia para que estava pre-anunciado o seu aparecimento. Nesse mesmo dia, tive eu o prazer de o ler.

Foi em Famalicão, onde tinha ido para gosar o efeito, por sinal brilhante, das festas Antoninas. Ali tive o gôsto de encontrar o meu muito estimado amigo Armando Umberto Gonçalves, de Guimarães, rapaz com excelentes qualidades de carácter e coração a quem sou extremamente afeiçoado. Foi êle quem, depois de dois dedos de cavaco, teve a amabilidade de me mostrar o jornal, que em seguida me cedeu. Não pude nesse momento lê-lo com atenção, o que fiz mais tarde noutro logar.

O *Lusitano* é um jornal excelente, com um aspecto agradável, uma disposição bem cuidada e, sobretudo, escrito e redigido com muito senso e muito brilho. Aplaudo calorosamente a sua orientação política. E' a que melhor se acomoda às circunstâncias políticas do momento.

Com certeza ela vai encontrar eco no coração de todos os patriotas. Admiro também o desassombro com que se apresenta. Êle realça dominadoramente, nesta hora angustiosa de medo, pavor e covardia. Se a fraqueza e o desânimo não tivessem votado a uma completa e lamentável inacção os verdadeiros patriotas que colocam os interesses nacionais muito acima de paixões partidárias e interesse sectários, não se teriam provavelmente produzido muitos dos acontecimentos a que temos assistido e que constituem, num regímen democrático, uma grave afronta ao Direito, à Liberdade e à Justiça.

Há muitos republicanos que estão profundamente desgostosos com a marcha dos negócios públicos.

Esses são aqueles a quem o fanatismo partidário não obceca o espírito, única condição de se encararem os acontecimentos através dum prisma imparcial e rectilíneo.

São esses também os que, sem afectarem hipócritas devotações, melhores serviços prestam à república, porque, longe de praticarem os menores excessos, teem a nobreza e a briosa independência de, sem fins intencionais ou reservadamente faciosos, exporem, com critério e justeza, a sua opinião e a sua maneira de pensar acêrca dum determinado incidente político. Os republicanos mais exaltados criaram, porêm, uma tal situação no país que, proceder dessa maneira, é expor-se temerariamente a um perigo que nem só no menor número dos casos pode ser fatal. A república tem do seu lado uma determinada escória que, para defendê-la, não hesita em lançar mão de processos abomináveis. Pertence a êsse número, sendo sem dúvida o mais monstruoso, o da explosão de bombas.

Não há muito aínda que essa laboriosissima cidade foi alarmada com a explosão de algumas, colocadas propositadamente próximo às residências de algumas individualidades em destaque nesse meio. A justiça devia pedir rigorosas contas aos miseráveis autores de semelhantes actos de bandidismo que levam a inquietação e o desassocego a muitas famílias e causam uma péssima impressão no estranjeiro. E' isso o que ela não faz.

Últimamente, muitos casos de explosão teem ocorrido sem que só um dos seus autores tenha sido castigado. À volta dêsses casos estabelece-se imediatamente um silêncio profundo. E' muito sintomático isto, não acham?

A bomba anda hoje muito em voga. Parece estarmos aínda no regímen do terror. E é assim que esses embusteiros nos querem fazer acreditar que a república está arreigada no coração do povo. Que grandes histriões! Quando um sistema político procura impor-se pelo terror, não se baseia certamente na vontade nacional. Julgando assim consolidar a república, êles abalam-na e perturbam-na.

E' preciso que a ordem pública seja mantida a todo o transe, tome-se embora para êsse fim tam urgente e indispensável, as mais enérgicas e rigorosas medidas de repressão. Não pode continuar êste pavoroso estado de anarquia em que vivemos. Estará o novo governo disposto a, como lhe cumpre, resolver êsse importante problema? Aguardamos que a sua acção se manifeste e acentue, para depois, sôbre êste capital assunto, dizermos da nossa justiça.

Pôrto, 19—6—912.

O depósito de máquinas de costura, na ourivesaria de Fernandes & Cruz, deve ser preferido por que é o que melhores modelos tem e o que mais barato vende, tanto a dinheiro como a prestações.

NÓS E A IMPRENSA

O nosso presado colega «Comércio de Guimarães», noticia desta forma o nosso aparecimento:

«Colega novo

Como há tempos noticiamos, veio à luz da publicidade, mais um nosso colega que com o título de «O Lusitano» se propõe viver e crescer neste abençoado torrão minhoto.

Pela sua prosa sensata e viva, vemos que deseja seguir um caminho um tanto escabroso e cheio de espinhos.

O nosso desejo é que esses espinhos o não dilacerem e como colega e um tanto amestrados nesta vida que nos tem posto os cabelos brancos, lhe diremos:

Pode ser que seja feliz, e é êsse o nosso desejo, o desejo dum colega que, embora humilde, desejava ver a união no jornalismo vimaranense.

Avante pois, e que as felicidades o bafejem.»

Não pôde o nosso colega ocultar, entre palavras amáveis que muito agradecemos, uma pontinha de mal disfarçada ironia muito desculpável aos seus cabelos brancos que estão a pedir pão quente e um cobertor sôbre os joelhos.

Procuraremos viver, ilustre colega, arrostando com todas as escabrosidades, e, se não nos faltarem os meios para sustentarmos o nosso humilde semanário, êle caminhará através de todos os espinhos. Se algum mais agudo, jogado por mãos facínoras, nos penetrar mais fundo, outros correrão a tomar o nosso pôsto.

Vimos tarde, colega, mas a culpa não é nossa.

A culpa é daqueles que entretinham o tempo e o espaço com *culturas de batata doce* e quejandas ninharias nos lugares onde deviam pugnar pela manutenção da ordem e da moralidade.

Nada faremos, mas ao menos não se dirá que Guimarães corre à matroca sem que se levante uma voz de protesto.

Acêrca da desejada união jornalística, estamos ainda a sair do ôvo, não podendo o colega ter de nós agravos, e esperamos que nunca terá razão para nos maldizer.

Vimos em nome da Ordem, da Liberdade e da Justiça e pela sua defesa pugnaremos até ao último esfôrço.

*

São do brilhante semanário portuense *O Grito do Povo* os seguintes cumprimentos:

"O Lusitano,,

Principiou a publicar-se em Guimarães êste novo semanário que traz excelentes artigos de combate e enfileira ao lado da imprensa séria e honrada. Felicitamos o nosso colega, desejando-lhe uma vida desembaraçada e fecunda. Mas cuidado com as bombas...

Estas palavras num colega tam ilustre e tam nobre, com um passado tam glorioso e que tem à sua frente espíritos dos mais rutilantes que a Igreja conta em seu seio em Portugal, enche-nos de justificada alegria.

Os nossos mais penhorantes agradecimentos.

Agradecimento

Na impossibilidade de agradecer pessoalmente a todas as pessoas que me honraram com os seus cumprimentos por ocasião da minha chamada à administração por uma pretensa transgressão a uma das leis vigentes, sirvo-me dêste meio para protestar a todos os meus conterrâneos e amigos a minha comovida gratidão e profundo reconhecimento.

Guimarães, 20 de junho de 1912.

Padre Gaspar Roriz.

Levantando a luva

A «Alvorada», semanário republicano daqui, cuja cor se não distingue bem porque tanto anda como desanda, *mimoseou-nos* com o seguinte:

"O Lusitano,,. — E' o título de um novo semanário local cujo primeiro número se publicou no domingo. Pelo que se deduz do seu artigo de apresentação, a sua divisa será — Deus e Pátria, — a mesma que Couceiro mentirosamente adoptou para combater a República.

Tratando-se, pois, dum jornal nosso adversário, seria hipocrisia desejar-lhe prosperidades — o que não obsta, estamos certos, que êle prospere e faça carreira entre nós.

Quanto à nossa divisa, nada tem nem nada temos com a adoptada pelo sr. Couceiro.

Mas quanto à nossa qualidade de adversário deve ter caído um dente à «Alvorada» porque falou verdade, o que raras vezes acontece.

Sim. Somos adversários em tudo.

Adversários, em Deus, por que nós pertencemos à enormíssima maioria do povo português que professa uma religião de Luz e de Verdade, selada com o sangue do Divino Mártir no Alto do Gólgota, e a «Alvorada» cinge-se àquela que mais se acomoda às suas aspirações de popularidade, cuja missão é minar na treva, tendo por norma a mentira, a fomentação do ódio e a disseminação da injúria.

Na Pátria, porque nós amamos êste abençoado torrão em que nascemos e não consentiremos que dentro dêle se cometam, seja quem for o autor, sem o nosso mais veemente protesto, atentados contra o seu bom nome, e a «Alvorada» aplaude e incita actos de rebelião anárquica contra a Liberdade e contra a Ordem, contra o Direito e contra a Lei, actos que envergonham e aviltam esta Pátria, que a rebaixam e deprimem.

Sim. Somos adversários em tudo.

Fêz bem a «Alvorada» lançar-nos logo de entrada a luva que nós levantamos com certo orgulho, pois ficaríamos pesarosos se ela tal nos não considerasse.

E, uma vez no campo da liça, ôlho por ôlho e dente por dente.

As bombas

São do sr. José de Alpoim, na sua carta para o «Janeiro» de 15, estas ásperas palavras de censura:

O estrondear das tres bombas que rebentaram na laboriosa e honesta cidade de Guimarães, tám portuguêsa e portanto cheia de bondade e piedade, tám docemente emboscada em verduras como docemente se embala nas suas tradições, tám amante do passado e ao mesmo tempo remoçando-se em actos de civilização e ideais de progresso, causou aqui enorme impressão. E' positivo que cabeças tresloucadas, por êsse paiz fóra, vão semeando a epidemia que tem lavrado em Lisboa! Não sei de nada mais traiçoeiro e mais ferino do que esse emprego das bombas, que podem levar ruina e sangue a familias estranhas às lutas políticas ou aos conflitos sociais.

O homem que assim fala é completamente insuspeito porque foi um dos mais poderosos auxiliares da implantação da república.

Sem êle talvez a república não podesse fazer-se tám cedo.

Mas são capazes de lhe chamar *talassa*, ou, pelo menos, ... despeitado!

Se quereis adquirir uma boa e segura bicicleta, a dinheiro ou a prestações, ide à ourivesaria de Fernandes & Cruz, que as vende por preços baratissimos.

Acontecimentos importantes

(RETARDADO)

POR *António M. da Fonseca*
(Pôrto)

Escolho para assunto do meu primeiro escrito, início duma série em que serão apreciados os factos ocorridos nas diversas partes do mundo e que, pela sua natureza particular ou especial, possam interessar com maior ou menor sensação a opinião pública, a catástrofe resultante da colisão do submarino francês «Vendémiaire» com o couraçado «Saint-Louis», perto do cabo de Hague. Parece que de há cinco anos a esta parte, o espírito negro da fatalidade se compraz em perseguir desvastadoramente a gloriosa marinha francesa, ocasionando-lhe a perda de algumas importantes unidades da sua poderosa esquadra naval e com elas a de muitas centenas de vidas em circunstâncias horrorosamente trágicas.

Está de luto novamente a França.

O drama *Vendémiaire* custou-lhe a perda de 24 homens cuja sagrada missão era velar pela honra da sua bandeira, defendendo-a com a mais ousada valentia das afrontas que os seus inimigos podessem vir a cuspir-lhe, movidos pela cubiça dos seus importantes dominios ou pelo menosprezo votado aos seus direitos.

Com certeza êles souberam encarar a morte com o desdem heróico daqueles que, tendo vivido durante muito tempo na intimidade do perigo, abandonados à sua sorte, no meio duma admirável tranquilidade que só o verdadeiro amor da pátria pode incutir, sabem bem que as suas vidas estão à mercê dum acaso, que é sempre um sacrificio, não retrocedendo apesar disso no caminho que lhes é imposto pelo cumprimento dum sagrado dever e que tanto pode conduzir à morte como à glória.

A catástrofe produziu-se nestas circunstâncias: A esquadra de couraçados do Norte, comandada pelo almirante de Marolles, estava prestes a chegar a Cherburgo, vindo de Brest.

Alguns interessantes exercícios com as frotas de torpedeiros e contra-torpedeiros já tinham sido feitos sem incidente. Ia começar a ultima fase das manobras: os submarinos de Cherburgo, aparelhados de noite, estavam postados em Blanchart para, à sua passagem, atacar a esquadra.

Seis horas e meia da manhã.

A esquadra encontrava-se a cinco milhas a nordeste do cabo de Hague, quando os homens de guarda ao *Saint-Louis*, couraçado almirante e o primeiro da linha, descobriram de súbito, de frente e a uma curtíssima distância, o periscópio dum submarino.

Foi dado imediatamente o alarme, mas já era tarde. O couraçado tinha cortado com a roda da prôa o *Vendémiaire*.

Um cachão de espuma de alguns minutos, algumas latas de azeite e essência à superfície, alguns sarrafos de madeira, depois mais nada: o submarino tinha submergido a 50 metros de fundo com toda a sua equipagem.

Foram logo lançadas à água as boias para marcar o logar da catastrofe. Mas as correntes, violentas nessas paragens, arrebataram-nas.

A esquadra manteve-se uma hora na mesma altura. Em socorro chegaram de Cherburgo rebocadores e bateiras, com mergulhadores. Mas estabeleceu-se um nevoeiro que impediu o reconhecimento do ponto da catástrofe.

Estavam perdidas todas as esperanças de salvamento.

O incidente sobreveio duma maneira que tem fácil explicação.

Os ataques dos submarinos contra as grandes embarcações comportam riscos inelutáveis.

A principal funcção dêsses pequenos navios consiste em se aproximarem sem serem vistos; navegam pois, em imersão, dando de quando em quando um golpe de periscópio à superfície para se orientarem sôbre a sua posição.

Ora aconteceu que, justamente no momento em que o *Vendémiaire* emergia dêsse modo para preparar o seu ataque, ou então depois do lançamento simulado do torpedo, o submarino encontrava-se precisamente na mesma linha do *Saint-Louis*.

Nestas circunstâncias a colisão era inevitável. A catástrofe só se pode atribuir à fatalidade cuja fúria se ceva nos melhores dos comandantes dos submarinos franceses, pois, como o comandante de vaso Callot, do *Pluviose*, o comandante de vaso Prioul era um especialista muito apreciado.

Convem dizer que tais acidentes são o inevitável resgate dos progressos da navegação submarina. Nos exercícios são tomadas todas as precauções; mas há uma certa parte cujos perigos se não podem suprimir, visto que para isso ninguém pensaria em suspender a execução dum programa *d'entraînement* que à França deu o primeiro logar no mundo das frotas submarinas.

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço deixamos de publicar alguma matéria de que pedimos desculpa aos nossos colaboradores.

Pela Câmara

«Há duas semanas que não há sessões da comissão administrativa da câmara municipal, por falta de número de vereadores efectivos e substitutos. Estes julgaram-se incompatíveis com o seu presidente, o cidadão José Pinto Teixeira de Abreu.»

Mais tarde ou mais cedo o caso devia vir a dar-se.

O sr. presidente da comissão é dotado de belos sentimentos de humanidade, duma grande fixidez de carácter e dum patriotismo sincero, sem vãs aspirações nem ódios sanguinolentos, e porisso o caso devia dar-se, mais tarde ou mais cedo.

A matéria das bombas de há dias deve ainda escaldar-lhe o coração como lhe hão de morder a consciência certos casos sucedidos.

Talvez fôssemos capazes de apostar em como a essa incompatibilidade não é estranha uma contasinha...

Mas, adiante.

A integridade do concelho

Conforme noticiamos, realizou-se no passado domingo, no salão nobre da Sociedade Martins Sarmento, a reunião convocada pela Comissão Administrativa da Câmara Municipal, para tratar da integridade do concelho.

Presidiu ao acto o sr. José Pinto Teixeira de Abreu, secretariado por representantes da Associação Comercial, Associação Artística, Associação dos Cortidores e Surradores e Grupo de Propaganda «Por Guimarães».

Assistiram também representantes das juntas de paróquia de diversas freguesias do concelho e foram lidos ofícios de outras manifestando a sua solidariedade e adesão às resoluções da assembleia.

Sendo dada a palavra, em primeiro logar, ao sr. dr. Eduardo de Almeida, deputado por êste circulo, sua ex.ª fez uma exposição bastante desenvolvida do aspecto da questão, declarando que, não vendo motivo para alarmes nem receios, julgava no entanto conveniente que Guimarães se aprestasse para a sua defesa, que deve ser inteligente e patriótica.

Seguidamente usou da palavra o sr. A. L. de Carvalho, nosso colega da «Alvorada», que, depois de algumas considerações feitas no sentido de se iniciar uma propaganda firme e decidida, por meio de comícios, em diversas freguesias que se indicam para a desanexação, leu a seguinte

Proposta:

A Câmara, colectividades, imprensa e povo de Guimarães, reunidos para deliberar sôbre a questão do concelho, resolvem nomear uma Comissão de Defesa, de quem confiam e esperam a salvaguarda daqueles interesses que julguem mais superiores e legítimos.

Guimarães, 16 de Junho de 1912.

(a) *A. L. de Carvalho.*

Aprovada esta proposta, foi o snr. Carvalho convidado a indicar as individualidades que deviam fazer parte dessa comissão, a qual ficou assim composta:

Comissão de Defesa

Um representante da Câmara, um representante da Associação Comercial, um representante da Associação Artística, um representante do Grupo de Propaganda, João de Freitas Ribeiro, Dr. António Coelho da Mota Prego, Dr. Henrique Margaride, Barão de Pombeiro, Visconde de Paço de Nespereira, Eduardo M. de Almeida e João Mendes Ribeiro.

Esta reunião foi bastante concorrida.

Como trabalho preliminar, foi pela presidência dado conhecimento dumas circulares que julgava indispensável distribuir nas freguesias atraídas para fazerem parte do provável concelho de Vizela, conhecendo-se assim, pela colheita livre da assinatura, o pensar dêsses povos.

Este documento será publicado no próximo número.

O Lusitano

A todas as pessoas a quem enviamos o presente número de *O Lusitano* esperamos dever-lhes o obséquio da sua assinatura, o que agradecemos reconhecidos; a quem não desejar auxiliar-nos nesta árdua tarefa, rogamos-lhes o favor da sua devolução imediata.

A emprêsa.

Correspondência da "Nação,,. — Acaba de ser nomiado correspondente desta cidade para o importante diário da capital *A Nação* o nosso presado colega e amigo sr. Tomás Rocha dos Santos.

O nomiado é um informador consciencioso, que alia a um fino trato uma correcção de porte invulgar, e porisso felicitámos o brilhante diário lisbonense pela acertada escolha que fêz do nosso amigo Tomás para seu correspondente.

Passeio recreativo. —Os alunos do Colégio Académico, desta cidade, acompanhados dos seus professores, foram ha dias em passeio às vilas de Fafe e Felgueiras.

Teatro Afonso Henriques.—Realiza-se no próximo dia 30 do corrente, no teatro Afonso Henriques, um sarau dramático-musical, promovido pelo Grupo Musical dos Empregados no Comércio e Indústria de Guimarães, constando o programa

dos seguintes números musicais executado pela tuna do Grupo: *Hino do Grupo; 6 de Janeiro*—paza calle; *Sinfonia n.º 1; Serenata*,—solo de violino acompanhado a viola francesa executado por A. Policarpo e A. Lima; *A Pastora*,—valsa; *Alda*—mazurca, etc.: e das peças dramáticas: *Um quarto com duas camas, O Filho do Crime* e *O Zé Calino*.

Em Felgueiras—Grande romaria.—Nos dias 28 e 29 do corrente realiza-se, no monte de Santa Quitéria, em Margaride — Felgueiras, a grande romaria de S. Pedro em honra do Sagrado Coração de Maria, constando de iluminações, música, fogo e festividade religiosa, com procissão, que costuma ser majestosa, e muito concorrida.

BIBLIOGRAFIA

Alberto César—**Tipos Populares da Minha Terra**—(Uma Galeria)

Num opúsculo de 60 páginas, nitidamente impresso na Tipografia Minerva Vimaranense do sr. António L. S. Dantas, apresenta-nos o Alberto César mais uma prova do seu sentimentalismo e do seu amor a esta terra, por cujo progresso tem batalhado sempre numa luta por vezes improficua mas sempre benemérita.

Alberto César consagra e dedica esta obra ao Joaquim Alberto, o filhinho extremosamente amado. Nas palavras que lhe dirige, vê-se o desejo ardente do pai em educar o filho nos princípios da caridade e da compaixão para com os pobres velhos que, pelas suas excentricidades e não raro pela sua miséria, conseguiram *figurar* na galeria dos *tipos populares* de Guimarães.

E' esta a parte sentimental dêste opúsculo, belo como tudo o que significa um acto de solidariedade humana, um movimento de defesa dos nossos irmãos que sofrem nas escuridões da demência, nas privações da pobreza, nas misérias do infortunio.

Depois segue-se o texto, com gravuras magníficas, onde se apontam os traços caracteristicos do *Rei da Grécia*, do *Couceiro*, da *Vicência*, do *Manaca*, do *Trinta Furos*, da *Cachéna*, do *Rendido*, do *Xi* e da *Pacha*, tipos nossos contemporâneos, cujas excentricidades hão de interessar à geração que nos suceder, como ainda hoje nos interessam o modo de ser e alguns episódios que tornaram célebres o *Matamá*, a *Rainha*, a *Mamuda*, o *Bastés*, o *João dos Odres*, o *Mitra*, etc., etc.

Na descripção dos diferentes tipos, Alberto César mostra-se um fino observador, escrevendo com graça e verdade.

Agradecendo o amavel oferecimento dum exemplar, felicitamos o nosso amigo pela forma como coordenou e apresentou em público êste subsídio para a história dos *tipos populares da nossa terra*.

Zéro.

TIP. MINERVA VIMARANENSE

Oficina de encadernação, papelaria e livraria

—DE—

António Luís da Silva Dantas

Rua de Paio Galvão—GUIMARÃES

Na oficina tipográfica, montada com cêrca de 240 colecções de tipos, maquinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, tais como: obras de livro e jornais de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e óbito; circulares, memoranduns, facturas, envelopes e todos os demais impressos para comércio; mapas, mandados de pagamento, talões e vários outros impressos para repartições públicas civis, eclesiásticas e militares; rótulos para farmácia; etiquetas para fábricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programas e bilhetes para espectáculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e cromotipografia. ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS.

Na oficina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material, vindo expressamente do estrangeiro, e pessoal competentemente habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papéis almaços, finos e de impressão, nacionais e estrangeiros, objectos de escritório, caixas de papel de fantasia em diversos formatos, livros em branco, para comércio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos químicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondência directa com os mais hábeis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RAZOÁVEIS. ✻ ✻ ✻ **Trabalhos perfeitos e rápidos.**

Fotografia Carvalho

98, Rua de Paio Galvão, 98

(Junto ao edifício dos Bombeiros Voluntários)

Guimarães

Luxuoso ATELIER montado segundo os últimos quesitos da arte e dotado de excelentes aparelhos, o que lhe permite executar:

Esmaltes fotográficos para medalhas, perfeitos e eternos.

Retratos em porcelana.

Retratos reclame, desde 600 réis a dúzia.

Ampliações inalteráveis, desde 2$000 rs.

Novidades, efeitos de luz, transformações de vestidos e penteados, etc., etc.

Opera-se com todo o tempo.

Colégio Académico

Rua de S. Domingos, 19

GUIMARÃES

Admite alunos internos, semi-internos e externos, para instrução primária, secundária e curso comercial.

Alimentação abundante e bem cuidada

Pedir programas à Direcção

O LUSITANO

Publicação semanal

Preço da assinatura

(Pagamento adeantado)

Anno	1$200 rs.
Semestre	600 „
Número avulso	30 „

Preço das publicações

Anúncios e comunicados, por linha	40 rs.
Repetição, por linha	20 „

Permanentes, contrato convencional.

Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.

Alberto César

Tipos Populares da Minha Terra

(Uma galeria)

64 páginas em formato elegante.

Preço 250 réis

Pedidos ao auctor

ou à

Tipografia Minerva Vimaranense

GUIMARÃES

O LUSITANO

Publicação semanal

Ex.mo Sr.